

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES-CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS-UACS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

AS REZADEIRAS E OS REZADORES DE SANTA HELENA-PB (1950 a 2013)

MAURICIO PARNAÍBA DUARTE

CAJAZEIRAS-PB

2014

MAURICIO PARNAÍBA DUARTE

AS REZADEIRAS E OS REZADORES DE SANTA HELENA-PB (1950 a 2013)

Monografia apresentada ao curso de graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande do Centro de Formação de Professores da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, como requisito do título de graduado em História.

ORIENTADORA: SILVANA VIEIRA DE SOUSA

CAJAZEIRAS-PB

2014

FICHA CATOLOGRAFADA

FICHA DE ASSINATURAS

RESUMO

O presente projeto tem como temática as Rezadeiras e os Rezadores de Santa Helena-PB (1950 a 2013), cujas práticas religiosas de curas se apresentam como tradição cultural no cotidiano e vida social das comunidades onde estão inseridas. Como curandeiras têm se colocado como alternativas frente às doenças e enfermidades que acometem sua clientela. Aliando rezas e cura, apreender o mecanismo e significados dessas práticas se apresenta como caminho para o entendimento da história cultural e do papel que a religiosidade ocupa nesse contexto social. A pesquisa foi desenvolvida através de entrevistas, depoimentos e história de vida com as rezadeiras e usuários de suas práticas a partir de termos de colaboração por eles assinados. Outra frente de pesquisa foi a bibliografia dessa temática disponível e com a qual dialogamos na busca de parâmetros para construção de nossa abordagem.

Palavras chave: cura, reza, tradição e crenças.

ABSTRACT

This project has as its theme the mourners of St. Helena-PB in the second half of the twentieth century, where their religious healing practices throughout the second half of the twentieth century. present themselves as cultural tradition in daily life and social life of the communities where being entered as healers. These healing practices has been placed as the focus of actions and actions against diseases and illnesses. Understanding the mechanism and significance of these religious practices are presented as a path to understanding the cultural history and the role that religion occupies in this social context. The research will be developed through interviews, testimonies and life story with the mourners and users of their practices. Another area of research is the literature of this subject available.

Koy words: are, pay, heahng beliefs.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Capítulo I HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA RELIGIOSIDADE E CRENÇAS DAS REZADEIRAS E DOS REZADORES	13
Capítulo II COTIDIANO E VIDA SOCIAL EM SANTA HELENA – PB (1950 a 2013): AMBIENTE DE REZADEIRAS E REZADORES	23
Capítulo III OFÍCIO DE CURA EM SANTA HELENA PB: REZADEIRAS E REZADORES	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
APÊNDICE	52
ANEXOS	54

*À minha avó, Maria das Graças Parnaíba,
“vovó Gracinha”... Por as várias vezes que se
voltou para mim com gestos de afeto.*

A ciência sem a religião é parálitica - a religião sem a ciência é cega.

Albert Einstein

AGRADECIMENTOS

Deus que em todos os momentos de minha vida mim transmitiu confiança.

Minha família que mim apoia nos momentos difíceis.

Minha orientadora Silvana Vieira, por ter tido paciência comigo as inúmeras vezes que lhe procurava.

Aos professores e professoras, que contribuíram na minha formação profissional, sobretudo, Neto por ter entrado em contato com Pedrina Nunes solicitando seu trabalho de mestrado.

Sara Vitoriano, por ter disponibilizado um pouco de seu tempo em sua casa e seus escritos para fala sobre a história de Santa Helena-PB.

Aos rezadores, rezadeiras e rezados entrevistadas na pesquisa, por dispor de seu tempo para contar sobre suas vidas.

Á fantástica Dona Dodó, que além de contribuir para a realização deste trabalho, tornou-se uma grande amiga.

INTRODUÇÃO

Em Santa Helena-PB e região circunvizinha as rezadeiras e os rezadores são personagens identificadas, como aqueles ou aquelas que dominam um cabedal de rezas utilizadas em práticas de cura de um conjunto de enfermidades de pessoas que a eles recorrem. Fazem parte de suas práticas de curas o conhecimento e utilização, de ervas medicinais, as quais muitas das vezes são plantadas e cultivadas em suas residências. Além das plantas medicinais suas casas são adornadas por um verdadeiro arsenal de imagens de santos da Igreja Católica. Fato que impressiona e podemos deduzir de certo modo atrai os visitantes adeptos das práticas das rezadeiras e rezadores.

Quando se trata de mulheres rezadoras, estas geralmente dividem suas atividades com outras ocupações mais domésticas, ou seja, os cuidados com a casa e suas tarefas rotineiras como cozinhar, limpar, arrumar etc. No caso dos homens rezadores, outras ocupações dizem respeito ao trabalho na roça, cuidados com a criação de animais, como o gado, cabra, porco etc. Homens ou mulheres, os rezadores são pessoas que moram principalmente nas zonas rurais, nos conhecidos sítios, se definem como católicas, cultuam grande devoção aos Santos o que os tornam reconhecidas pela fé nas rezas e em Deus. São pessoas que igualmente as demais: casam, têm filhos, possuem uma profissão e não usam vestimentas que as destaquem como rezadores.

Analisar o cotidiano de suas práticas de reza e cura nos permite falar de seu papel social e assim compreender alguns males que afligiam as pessoas entre (1950 a 2013).

Em um universo de rezadores da região de Santa Helena PB, elencamos nesse trabalho as práticas de um conjunto de seis rezadores: Helena Maria Quaresma Ferreira, Terezinha Quaresma Duarte, Geralda Correa, Raimundo do Carmo, Vicente Duarte, e Damião Correa. Contamos ainda com os relatos sobre os rezadores dos entrevistados Antônio Quaresma de Mendonça, Josélia Bispo e Vicente Quaresma. Para realização das entrevistas e coleta das informações desses rezadores e rezadeiras apresentamos termo de consentimento que disponibilizamos nos anexos desse trabalho.

Como suporte teórico para nossa abordagem dialogaremos com obras de referencia da História Oral, da cultura popular e das crenças apenas para destaque

citamos os trabalhos sobre as rezadeiras de Pedrina Nunes, Andreia Carla Rodrigues e Francimário Vitor dos Santos, Rui Facó, Gabriela dos Reis Sampaio, Maria Luiza, Gutenberg Costa, Nikelen Acosta Witter.

O recorte temporal delimitado pelos anos 1950- 2013, aqui adotado obedece ao tempo de lembrança e memória da tradição familiar, do lugar de transmissão das experiências e aprendizado dos rezadores e rezadeiras que ainda hoje atuam no ofício.

Para composição desse trabalho destacamos a realização de três capítulos. Um primeiro intitulado: História e Historiografia das crenças religiosas populares, em que dialogamos com alguns estudiosos da cultura e crenças populares e com estudiosos do campo da história oral, marco no qual situamos nosso procedimento metodológico e nossa compreensão teórica para o estudo das práticas de curas das rezadeiras e dos rezadores em Santa Helena-PB (1950 a 2013). Um segundo intitulado Cotidiano e vida social em Santa Helena – PB (1950 a 2013): ambiente de rezadeiras e rezadores, no qual buscamos situar e apresentar sob o ponto de vista da história social as rezadeiras e os rezadores como personagens da cultura religiosa e de crenças de Santa Helena- PB, nosso objeto de estudo. Um terceiro e último capítulo intitulado Ofício de Cura: rezadoras e rezadores no qual buscamos apresentar nosso objeto de estudo, contando a história das rezas e curas praticadas pelos rezadores e rezadoras de Santa Helena PB.

CAPÍTULO I

HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA RELIGIOSIDADE E CRENÇAS DAS REZADEIRAS E DOS REZADORES

Algumas práticas que aliam fé e cura tem se tornado destaque na historiografia recente sobre religiosidade e mais precisamente sobre o que se constituiu como campo de estudo do catolicismo popular. Estes estudos foram impulsionados pelas discussões em torno da cultura e das mentalidades. As práticas de cura das rezadeiras e dos rezadores na história e na cultura do Brasil fazem parte desses estudos. Inicialmente, interesse apenas dos folcloristas, estes personagens e suas práticas eram observados e classificados no campo da cultura religiosa católica. Os folcloristas costumavam apontar dois tipos de catolicismo, o catolicismo oficial e o catolicismo popular; o catolicismo oficial seria aquele seguido pelos eclesiásticos e difundido dentro da Igreja. O popular se nortearia em outra vertente abrangendo as simbologias populares, havendo muitas das vezes a junção de outras crenças, num processo de hibridização de cultura e sincretismo religioso.

No trabalho *Entre ramos de poder: Rezadeiras e práticas mágicas nas zonas rurais de Areia-PB*, Rodrigues Theotonio diz;

Aqui estamos mais uma vez envoltos numa esfera de discussão que rotula o popular contrapondo-o aos aspectos do oficial, no caso do catolicismo, o conjunto de dogmas e preceitos que caracteriza a Igreja Católica Apostólica Romana. Sobre essa visão encaixam-se entre as chamadas práticas do catolicismo popular: A devoção personalizada aos Santos e a todo um leque de elementos que envolve como as Romarias, as promessas, ex-votos e também as rezadeiras e rezadores católicos. (Rodrigues, 2010, pg.96)

Como podemos observar, essa autora confirma o lugar do catolicismo popular como ambiente que abriga as práticas das rezadeiras e rezadores.

Discutindo também as práticas de manifestação religiosa de cunho popular a historiadora Solange Ramos de Andrade diz.

A pastoral popular, redigida no encontro do Episcopado Latino-americano em Medellín, em 1968, defendia que não se deve rejeitar, mas reconhecer que, atrás dos gestos sagrados que pode até ser supersticiosos, existe um núcleo real de autêntica fé crista, devendo-se aceitá-los objetivando purificar e incorporar essas práticas. Dessa maneira, a religiosidade passaria a ser considerada como ponto de partida do esforço de evangelização e de

libertação do homem, orquestrado pela a elite eclesiástica. (Andrade, 2006, pg.01)

A autora destaca o esforço da Igreja em reconhecer as práticas do campo da religiosidade popular como legítimas, evitando que sejam reprimidas, pois são práticas que somam no processo de evangelização. O catolicismo popular é assim entendido como benéfico para a religião cristã.

Esse discurso que busca legitimar as pratica de crenças populares apresentado na segunda metade do século XX e princípios do XXI e algo importante, pois a historiografia aponta que em séculos anteriores as crenças e práticas populares eram contestadas e oprimidas.

Francimário Vitor dos Santos, no artigo; *O ofício das rezadeiras como Patrimônio Cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar* fala sobre a questão dos adereços usados pela rezadeiras como indicadores da hibridização de culturas:

Os adornos, imagens de santos, altares, bonecas pretas, biblia sagrada, rosários, flores de plásticos, velas brancas, peças de roupas para serem rezadas, ramos de pião roxo, televisão, entre outros estão dispostos abertamente e convivem lado a lado nas residências ou nos espaços terapêutico-religioso das rezadeiras. Tais objetos, religiosos ou não dão pista para analisar a facilidade que as rezadeiras têm em transitar por crenças religiosas diversas''. (Santos, 2007, pg.28)

Como destaca o autor os objetos expostos nas práticas de rezas e curas possuem significados são dotados de simbologias que são aceitas e entendidas nas crenças populares, onde são elaborados.

Ainda sobre a discussão do catolicismo popular aqui no Brasil, Nunes Araújo dialoga com Queiroz afirmando o seguinte:

Queiroz elenca que o catolicismo popular tradicional ao longo do tempo perpassou transformações, proporcionando na religiosidade brasileira uma multiplicidade marcante de ritos, manifestações e praticas. Esse catolicismo popular abrangia a esfera espacial, mais o crescimento das cidades e o pequeníssimo processo de urbanização existente na época provocaram consequentemente uma ruptura nas formas de existência desse catolicismo, originando segundo ela o catolicismo popular urbano e o catolicismo popular rural ou rústico. O catolicismo rústico seria o movedor continuo de diversas manifestações que ainda existe aqui no Brasil, um bom exemplo são as manifestações das rezadeiras. Resquício dessa forma de catolicidade continua atuante em diversas localidades do país (Araújo, 2011, pag.35 e 36).

Nessa percepção, as rezadeiras seriam característica das zonas rurais, lugar de atuação, espaço definido e delimitado que marca a moradia e os modos de convivência como característicos do campo. Mas no nosso entender essa separação não parece tão cristalizada, pois com a urbanização as práticas se deslocaram, mas não mudaram sua essência.

Assim, as rezadeiras e os rezadores se constituem como sendo centrais na difusão da crença. A noção do sagrado que se concentram em suas simbologias são aceitas por pessoas que os procuram. Em estudo sobre essa questão Nunes Araújo, observa;

O sagrado não está disposto simplesmente por ações que envolvem instituições sacras [Igrejas], mas é amplo e caracterizado por diversas manifestações que a natureza não explica. As rezadeiras se encontram nesse espaço, nesse mundo de oscilação que o homem religioso vive, trocando e vivendo experiência de dois mundos. Elas podem ser entendidas também: "[...] mulheres que realizam benzeduras. Para executar esta prática, elas acionam conhecimento do catolicismo popular, súplicas e rezas com o objetivo de restabelecer o equilíbrio material ou físico, das pessoas que buscam sua ajuda". São mulheres benevolentes que exercem no corpo e na alma uma ação sagrada e se encontram instaurados num viés religioso não institucional, portanto podemos afirmar de serem descendentes ou resquícios de um catolicismo rústico, imperfeito ou adaptado. (Araújo, pg.60)

As rezadeiras e suas práticas de cura não estão subordinadas à instituição da Igreja Católica. Sendo elas fruto do catolicismo popular possuem autonomia no que diz respeito ao espaço de existência e no que diz respeito aos elementos usados nos rituais como ramos, ervas, velas etc. Sendo assim, a crença das rezadeiras é uma manifestação dessa religiosidade popular cujo espaço sagrado não é especificamente o templo da Igreja, mas o espaço construído por eles próprios.

Como observou Araújo em seu estudo, a compreensão do sagrado existe na articulação da visão de mundo das pessoas que buscam as rezadeiras e das próprias rezadeiras, diz:

O sagrado é esse mundo contrário, que rompe com o profano, estabelece a diferença sempre se manifesta em materiais diante do homogêneo. O sagrado é o inexplicável para os olhos do homem não religioso, é a sobrenaturalidade com o natural profanado. A manifestação hierofônica em um objeto qualquer não o tira da posição como tal, mas o ressignifica e o renova, porém sua identidade continua intocável. A rezadeira é um sujeito sagrado rodeado de outros sujeitos e inseridos em uma espacialidade comum. (Araújo, 2011, pg.19)

Assim, a rezadeira é vista como uma pessoa comum às outras, mas ao mesmo tempo estabelece diferenças para com os demais em função da mística de sagrado que envolve suas rezas e curas, pois creem estarem ligadas ao ser divino, portanto, a sobrenaturalidade, aquilo que os homens não religiosos desconhecem. O sagrado é o que norteia as ações das rezadeiras, ele se manifesta nos objetos usados e nas orações. Como verdades, esse sagrado repousa no seio da crença e religiosidade das pessoas que as procuram confirmado o fato de que os valores religiosos que ambientam as práticas de fé diferenciam-se de uma sociedade para outra. Existente para cada sociedade formas distintas de compreender o cosmo.

Como uma tradição típica da oralidade, o ofício de rezadeiras e rezadores se sustenta na tradição e na memória. Em sociedades com pouco uso da cultura letrada, os códigos da oralidade se fazem importante como lugar de vivência e transmissão de valores e crenças religiosas. Dai porque, os estudos sobre Cultura popular e religiosidade popular se confundem com os estudos sobre cultura de oralidade. Entrevistas, histórias de vida, relatos e depoimentos do que chamamos de campo da História Oral, são possibilidades que se apresentam para homens e mulheres, que muitas das vezes desconhecem os códigos da escrita, de falarem sobre seus costumes e exporem suas formas de entender o seu meio e sua cultura. E esse foi o meio e o procedimento que adotamos para conhecer a histórias desses personagens.

Sobre as narrativas e falas da História Oral que nos faz compreendermos o outro Lucília de Almeida comenta:

O ponto comum que escreve as referidas produções de documentos no campo da história oral encontra-se no fato de fazerem da memória e da narrativa elementos centrais para constituição de épocas e acontecimentos que tiveram importância para a vida de comunidades, instituições e movimentos aos quais os depoentes estiveram ou ainda estão vinculados. Em outras palavras, são documentos produzidos que têm nas lembranças o principal suporte para reconstituição de versões, representações, representações e interpretações sobre história. (Almeida, 2006, pag. 21)

Em nosso estudo, ao adotarmos a história oral como metodologia de pesquisa, estamos visando à construção da imagem representacional de sujeitos tidos como rezadores, uma vez que para a comunidade estes ocupam um espaço de representação e interpretações. As histórias narradas por elas falam sobre histórias de vida. Os depoimentos orais nos remetem a concepção que a comunidade elabora sobre a presença

das rezadeiras e rezadores. É por via da memória que vai se traçando o entendimento, as reflexões, a discussão, que postam homens e mulheres como rezadores e curadores.

Na historiografia sobre cultura popular e sobre religiosidade existe já um conjunto de abordagens que nos permite uma ampla discussão entorno do ofício das rezadeiras, e das mais diversas práticas de cura. Rodrigues Theotonio, em estudo sobre as rezadeiras das comunidades rurais da cidade de Areia - PB diz:

Podemos pontuar várias etapas dessa definição, considerando o que observamos na pesquisa de campo e o as informações colocaram. Ela é mãe, esposa, dona de casa, agricultora, conselheira, modelo para comunidade, é católica (e sempre salienta sua ligação com a Igreja) e portadora de conhecimentos que não são de domínio público, mas constituem plenos de sentido para aqueles que compartilham de suas práticas. A rezadeira é uma mulher repleta de sensibilidade, de atitudes de acolhimento para aqueles que chegam a sua casa, em geral outras mulheres, acompanhada de seus filhos ou parentes próximos em busca de reza. (Rodrigues, 2010, Pg. 15)

As rezadeiras de sua pesquisa, Dona Querú, Dona Creusa e Dona Bernadete diz a autora realizam suas práticas de cura onde estão presentes outros mecanismos de cura, atendimento médico e dos demais profissionais da saúde, se apresentam em tais comunidades como mais uma opção na busca de estabelecer as curas, sendo aceitas pelos que vivem naquelas comunidades. A autora busca estudar como ocorre esse processo de atuação das rezadeiras, pois mesmo com os atendimentos médicos as mães costumam levar seus filhos, muitas das vezes, aos médicos e as rezadeiras.

O perfil das rezadeiras e seu campo de ação traçado por Carla Rodrigues se assemelha as de Santa Helena-PB. Estas são esposa, dona de casa, agricultora, conselheira, católica, e buscam estabelecer a saúde, num espaço aonde se tem o atendimento médico. Uma das rezadeiras de Santa Helena-PB, Dona Terezinha em entrevista realizada durante a pesquisa afirma ser a Rezadeira e os Rezadores:

Pessoas que tem muita fé e aquela boa vontade de ajudar, porque é muito bom né, pras crianças, e tem problemas de crianças que com a reza fica bom mesmo. Tornei rezadeira porque tenho muita fé em reza e às vezes achava muito bom quando estava com uma criança doente ai quando pedia pra uma pessoa, rezadeira reza, e ai a criança melhorava, eu fiquei com fé e pensando eu vou aprender a rezar (risos), eu vou aprender também essas oraçõezinhas para rezar nas crianças (entrevista).

O cotidiano se modifica em virtude de ser uma mulher de fé. Rezar em seus próprios filhos e passa assim a receber a presença de pessoas em sua casa. Como diz, passou mais de 20 anos atuando no ofício de rezadeira em paralelo às atividades e

afazeres da casa. Ainda assim diz: “mas eu sempre dava um jeitinho, gostava de atender, não deixava ninguém voltar não”. Era rezadeira porque gostava, e não se sentia incomodada, em ter seus afazeres de dona de casa interrompidos, realizava seu ofício por gosto, ficava satisfeita em poder ajudar as pessoas com suas “oraçãozinhas”.

A Rezadeira fala de como teve seu cotidiano modificado, no caso, aprender a rezar, para assim rezar em seus filhos e nas demais crianças, perante as qualidades que uma rezadeira deve ter, como, ter muita fé em reza, dona Terezinha torna-se rezadeira. Dona Terezinha, 57 anos, agricultora aposentada mora no sítio Malhada Bonita que faz parte do município de Santa Helena, vive hoje com seu marido, e na convivência com os netos.

Em primeiro contato com ela, apresentou-se como uma mulher calma, recebeu-me bem e após eu explicar a minha vinda em sua casa, aceitou de bom modo realizar a entrevista, mesmo deixando claro que tinha parado de rezar há alguns meses, em virtude de ter passado por um problema de saúde.

Presenciei na casa de dona Terezinha vários quadros de Santos nas paredes, como atesta os diplomas de sua religiosidade e sua fé, junto às pessoas que a ela recorrem. Sobre essa questão, Josélia Bispo, uma das mães que costuma levar sua filha as rezadeiras, e a Rezadores, atesta:

Desde de criança, quando minha mãe levava, mim levava pra rezadeira, ai eu sempre tive muita fé de ir na rezadeira, na reza, e quando minha filha nasceu no ano de 2003 sempre quando ela adoecia de alguma coisa, febre, dor de garganta alguma coisa assim eu levava ela para a rezadeira (entrevista).

Percebe-se que o motivo que ela leva sua filha a rezadeira ou o rezador, é a tradição. Quando criança sua mãe o levava, ou seja, sua experiência pessoal e familiar faz com que ela vá à casa dos rezadores. Ela é bastante sucinta em afirmar “a fé que a gente tem na reza”, admitindo dessa maneira que a fé das pessoas que buscam que faz com que a saúde volte a ser estabelecida.

Em entrevista, Dona Helena Quaresma define o que é ser rezadeira,

Pra mim é ser uma pessoa iluminada por Divino Espírito Santo, porque meu poder, minha palavra, não é eu, é Deus, eu rezo confiando nele, e graças a Deus, as crianças que eu rezo elas melhora, eu estou aqui em casa vez por

outra chega uma mãe pedindo pra eu rezar num menino, ai só é pego o ramo e rezo(entrevista).

Como fala a rezadeira o mistério do poder de cura a ela concedido é sagrado. Deus e o Divino Espírito Santo agem durante sua prática. Assim, se veem como benéficas para as pessoas, acreditam que podem ajudar os enfermos, as pessoas que acreditam nesta ajuda. Ou seja, é uma crença compartilhada, uma expressão religiosa que possibilita laços de solidariedade e respeito uns com os outros.

Nunes Araújo (2011) em seu estudo sobre a religiosidade no Brasil aponta os problemas de controle da Igreja Católica na convivência em Colônia, o que vai favorecer diversas formas de manifestações religiosas, desenvolvida de acordo com as especificidades de cada local. A manifestação das rezadeira é fruto disso, aonde a ideia do sagrado é legitimado por este cenário, um catolicismo caseiro, casas abarrotadas de imagens de Santos legitimando e expressando sua fé.

Ofício que também é realizado por homens em Santa Helena-PB, assim como atesta o senhor Raimundo do Carmo, Rezador, idade de 72, agricultor aposentado, residente no sítio São Bento, Santa Helena-PB, pra ser rezador ele assim define;

Precisa ser um homem religioso, ser um homem direito com a família, graças a Deus a mulher que eu conheço é a minha, eu sou um homem de capricho, religioso caprichoso, eu nunca mim embriaguei na minha vida, eu tive esse capricho, se você for pra casa de um rezador, chega ele este bêbado, ai você tem fé naquela pessoa fazer uma cura em você, né assim, então eu tive esse capricho toda vida eu que eu soube, pra eu seguir esse capricho, porque não é todo mundo que pode ser um rezador (entrevista).

O depoimento nos possibilita entender sobre a identidade dessas pessoas, são homens que buscam uma boa conduta, que seguem o bom exemplo de marido, de cidadão. O rezador se apresenta como alguém que leva um cotidiano de renúncia aos vícios, ou seja, pra ele, ser um homem rezador, significa ganhar a confiança e admiração das pessoas. Essa sua boa conduta alia-se ao componente de religiosidade por ele cultivada, o que o diferencia dos demais homens e o faz obter o reconhecimento como rezador. Isso é o que ele denomina “eu sou um homem de capricho”. Assim, o senhor Raimundo do Carmo, consegue na comunidade onde mora, e na região vizinha, respeito e admiração, sendo reconhecido em Santa Helena-PB e região, por essa sua atividade que o faz receber diariamente em sua casa, crianças, adultos e idosos.

No depoimento que se segue, Raimundo do Carmo continua explicando o porquê de ter se tornado Rezador, e para qual finalidade:

Eu tornei rezador porque foi o dom que Deus mim deu, e eu tinha interesse de ser rezador, eu tinha pena de ver uma pessoa chorando com dor de dente, e eu não curar, uma pessoa com pé desmentido e eu não curar, eu tinha aquele, o meu coração é um sistema, que eu não posso ver aquela pessoa sofrer, se eu ver um bicho bruto com uma bicheira, eu curo no rasto, e aquele bicho fica bom né, ai eu curo aquele bichinho bruto pra ele deixar de sofrer, porque na minha vida eu não quero ver ninguém sofrer, se eu puder fazer caridade eu faço, é uma opinião que eu tenho sabe (entrevista).

No depoimento o rezador justifica seu ofício, segundo ele por ser uma pessoa que se sente bem em ver as pessoas curadas, assim como também os animais “bichinho bruto”. O rezador se sente feliz em poder utilizar a prática da reza, como um instrumento capaz de restabelecer o bem estar. Em sua opinião trata-se de um dom de Deus, “o meu coração é um sistema”.

Desde 18 anos que Raimundo do Carmo é rezador, realiza seu ofício com muito afinco. Por ser um homem de fé, religioso, gosta do que faz. Possui no seu meio um público abrangente. Faz do seu dia a dia, muitos momentos de oração, conhece várias orações (abordaremos sobre orações posteriormente no trabalho) aprendidas por sua mãe que era rezadeira, e por um homem que ele o chama do “velho do Pernambuco”. Foram estes que ensinaram as rezas pra seu Raimundo do Carmo. Essa manifestação religiosa por ele aprendida e guardada na memória de forma sigilosa vem há anos sendo praticada e acolhida por seus adeptos. A fé triunfa na relação de cura. Os usuários de suas rezas vão até sua morada na esperança de solucionar ou amenizar os tormentos por eles sofridos. Buscam o Rezador porque para estes a reza dele, a fé, o sentimento religioso, aonde o sobrenatural impera sobre o natural, agem sobre os males que os afligem, restabelecendo a saúde, o equilíbrio do corpo. Essa forma de enxergar o rezador faz parte da tradição dos seus adeptos, é esse costume que vai moldando o cotidiano e a conduta do Rezador.

Raimundo do Carmo, em sua forma de justificar seu ofício, afirma que é graças a sua conduta na vida em comunidade, e religiosidade, que ele é aceito como rezador. Isso proporciona que as pessoas têm fé em suas rezas, que são vistas como sagradas por os rezados, esse consentimento religioso faz que ele mantenha atuante na prática de rezador, com sua fé, sua noção de sagrado, rezando em seus adeptos.

Outro rezador de Santa Helena-PB é o senhor Vicente Duarte, residente na Rua Joana Ferreira de Sousa, 38 anos, ele assim define o ser rezador;

Não é eu ser rezador, quem vai dizer se eu sou rezador e a pessoa que vem pra eu rezar, é a fé da pessoa, se a pessoa não teve fé nada adianta, é preciso à pessoa ter fé, porque o que cura é a fé, se a pessoa chegar aqui eu rezo, sou acostumado à reza em menino (entrevista).

A cura é tida por o rezador como resultado da fé do rezado, e que seu ofício só é valido porque as pessoas têm fé em suas rezas, colocando-se apenas com sua oração que dependo do rezado, se ele tem fé.

Ao analisar o depoimento percebemos a prática do rezador é para ele relevante e validada na medida em que as pessoas assim os reconhecem. Ele também se vê como capaz de, através da sua fé, realizar a cura de determinadas doenças, conhecidas como “doenças que se cura com reza ou doença de rezadeira”, não basta apenas sua crença na cura, mas, sobretudo a crença do enfermo.

Em um artigo *Saúde e doença: Recursos utilizados em rituais de cura no Estado da Paraíba*, Érica Caldas Silva e Everaldo Oliveira ressaltam:

Práticas simbólicas de cura fazem parte do universo cultural em comunidades mais tradicionais no estado da Paraíba. As práticas de cura encontram-se vinculadas a figuras de rezadores/benedores considerados especialistas locais que exercem o ofício de rezador/benedor e é figura de muita respeitabilidade no seio de suas comunidades. Apesar dos avanços nas práticas terapêuticas oficiais, práticas populares de cura é ainda um recurso muito utilizado no Estado, considerando o recorte geográfico objeto desta pesquisa. Muitos recursos simbólicos são utilizados nas práticas de cura e suas respectivas doenças folk, nas comunidades analisadas, assim estes símbolos encontram um significado no contexto sócio-cultural destas comunidades, respondendo como uma identidade cultural de um povo, oferecendo ainda uma visão de mundo destas comunidades e uma prova de resistência destas práticas terapêuticas no estado da Paraíba (Silva/Oliveira, 2011, pag. 06).

O estudo volta-se para o ofício dos rezadores (benedores) e rezadeiras no Estado da Paraíba. Os autores coletam informações sobre as práticas populares de rezadeiras e rezadores num meio que se faz presente as práticas terapêuticas oficiais. São práticas populares, que se encontram ativas em vários lugares no Estado, em que as comunidades apresentam suas percepções de cura, com a utilização de rezas e ervas. Trata-se de um meio cultural onde a religiosidade, a fé, a noção do sagrado se faz

presente entre rezadores e rezados de determinadas comunidades paraibanas, tanto em áreas rurais como urbanas.

Como conclusão desse capítulo quero ressaltar que, como apontam os estudos e a bibliografia aqui utilizada, é no campo da cultura popular e do chamado catolicismo popular, mas não a eles e restringindo que se inserem as experiências de fé e cura de rezadoras e rezadores do Brasil.

Também os rezadores em sua prática de cura misturam elementos de tradições religiosas distintas, como procuraremos mostrar em outro capítulo. Nesse momento nos importou discutindo com a bibliografia disponível, situar a atuação e representação desses homens e mulheres rezadores. É, pois, no campo de delimitação dos estudos sobre cultura e religiosidade popular que compreendemos se apresentar os nossos personagens da cidade de Santa Helena PB a cuja história nos reportaremos, com mais precisão, nos próximos capítulos.

CAPÍTULO II

COTIDIANO E VIDA SOCIAL EM SANTA HELENA – PB (1950 a 2013): AMBIENTE DE REZADEIRAS E REZADORES

Neste capítulo intenciono apresentar o espaço social de atuação dos personagens rezadeiras e rezadores de Santa Helena PB, como lugar de tradição dessa cultura.

Sobre a formação da cidade de Santa Helena-PB, desde seus mais remotos tempos têm-se algumas informações no trabalho de mestrado de Vitoriano de Sousa, produzido em 2010:

A origem do município de Santa Helena está presa à mesma história do município de São João do Rio do Peixe, uma vez que Santa Helena foi, por algum tempo, distrito do mesmo. O início da colonização dessa região remota ao começo do século XVII, com aquisição de várias sesmarias por Luis Quaresma Dourado e pela Casa da Torre, na Ribeira do Rio do Peixe. Com o início da pacificação dos Índios, deu-se o estabelecimento de uma fazenda de criação de gado às margens do Rio do Peixe, por volta do ano de 1691. (Sousa, 2010, pag.107)

O estudo fala sobre o povoamento da região, onde se situaria o município de Santa Helena, ao tempo em que informa o mecanismo e a dinâmica da aquisição de propriedade do período colonial através do sistema de sesmaria¹. No caso de Santa Helena, o beneficiado foi Luiz Quaresma Dourado, cuja aquisição e posse lhe permitiu desenvolver como atividade na região, a criação de gado.

Quanto aos primeiros habitantes, formação de povoado e desenvolvimento Vitoriano afirma:

A princípio, temos a informar que a comunidade nascida no início do século passado teve seu aceleramento estimulado em 1922, quando da construção da Via Férrea – RVC – Rede Viação Cearense, hoje pertencente à Rede Ferroviária Federal S/A, que, naquela época estava ativada para o transporte de passageiros. (Sousa, 2010, pag. 107)

A linha férrea foi significativa para o crescimento do povoado, porque as pessoas que trabalhavam na manutenção, na estação do trem, entre outras atividades ligadas ao funcionamento da linha férrea passaram a residir ali. Logo, a passagem do trem, a

¹ Sesmaria era o nome atribuído a uma faixa de terra que era doado por a Coroa portuguesa para os colonos plantarem e criarem, esse que recebia a posse da terra era nomeado de Sesmeiro.

estação, foram motivos que ocasionaram o crescimento do então povoado, chamado naquele tempo de “Canto de Feijão”. Sobre essa questão a autora diz:

O antigo povoado que teve como fundadores os Senhores Raimundo Luiz da Silva, Joaquim Alves de Oliveira e Gonçalo Vitoriano foi, inicialmente, chamado de “Canto do Feijão”. Haja vista a razoável produção do produto na região. Em 1927, Raimundo Luiz da Silva e um de seus empregados padeceram ante a sanha assassina do bando do Cangaceiro de Lampião que, procedente de Brejo das Feiras com destino ao Ceará, saqueou o povoado Canto do Feijão. (Sousa, 2010, pag. 108)

A razão da denominação Canto de Feijão deu-se em função das terras se constituíam como propícias ao cultivo do feijão. Essa produção agrícola influenciou no desenvolvimento da comunidade, quando ainda era pertencente a Antenor Navarro, hoje conhecida como São João do Rio do Peixe - PB.

Outro destaque da formação social de Santa Helena e de seus primeiros moradores diz respeito a história de Raimundo Luis, e desfecho de sua morte. Sobre este ocorrido, em um trabalho de Monografia feito por Ramalho Diniz, no ano de 2013, que tem como tema; *O fantasma de um Cangaceiro e um assassinato de um Herói: Santa Helena em 1927 nas falas do “Rei do Cordel”*, comenta:

Além de líder e fundador, Raimundo Luiz também entrou para a história de Santa Helena como vítima e herói, uma vez que sua morte está ligada a invasão de cangaceiros ao povoado em 1927. Provavelmente os cangaceiros utilizavam as vias ferroviárias como referência para suas atividades cangaceirísticas, invasões e saques, pois como explica Aranha (2001) o trem passou a significar símbolo do advento da modernidade, o que despertava o interesse dos cangaceiros que passaram a seguir os trilhos do “novo”, do “moderno” para realizar seus ataques. (Ramalho, 2013, pag. 25).

Raimundo Luis que recebe o título de fundador foi também delegado de Santa Helena na época da passagem de Lampião pelo município. Sua morte, na memória compartilhada pelos Santa-helenenses tratou-se de um caso de heroísmo. Ramalho não afirma se a morte de Raimundo em combate as tropas de Lampião existiu ou não, mas apenas discute a lembrança do fundador do povoado na memória das pessoas como vítima do bando de Cangaceiros. Sobretudo, no discurso produzido em cordel por o filho de Raimundo Luis.

Atualmente existe uma serie de panfletos de Cordel feitos por Valentim Quaresma voltados para este fundador, Raimundo Luiz, além de uma rua que tem o seu nome. Ele é visto nos escritos sobre a fundação do povoado e na memória até hoje dessa

gente como um líder, que perdeu sua vítima em defesa do seu povo, contra o bando de cangaceiros de Lampião, se constituindo como sendo um autêntico herói nessa história, fato que também é postulado nos escritos de cordel.

Sobre o outro fundador, Joaquim Alves de Oliveira, vejamos o que Ramalho afirma;

De acordo com o texto de Sara Vitoriano, Joaquim Alves de Oliveira, homem tido de forte religiosidade, fez doação de uma faixa de terra para a construção de uma capela que curiosamente foi, a princípio, construída em lugares diferentes. Porém, apenas em 1933 foi edificada definitivamente no local onde se encontra. A capela foi erguida com a ajuda da comunidade e, inclusive, com a ajuda dos trabalhadores da via-férrea, reforçando-se a importância do trem como símbolo de progresso da cidade. (Ramalho, 2010, pag. 25)

Como indica os estudos, Joaquim Alves de Oliveira se apresenta na história do município como um homem religioso em virtude de doar o terreno para construção da Igreja. É o segundo personagem de destaque após a morte de Raimundo Luiz quando ao desenvolvimento do povoado.

Na memória local, nas abordagens de Vitoriano e de Ramalho, os dois personagens vão se caracterizar como fundadores do povoado, um como o líder e o outro como religioso. Gonçalo Vitoriano permeia a memória das pessoas como aquele que aponta as decisões, a organização e administração do povoado, sendo que orienta os demais nas mais diversas situações cotidianas. Um político.

Sobre as mudanças: Povoado, Vila, Distrito, Cidade, Vitoriano de Sousa afirma:

O povoado passou a vila em 1957 pela Lei 144, na administração do prefeito constitucional de Antenor Navarro (São João do Rio do Peixe), o senhor Manoel Fernandes Dantas. O movimento de emancipação política teve à frente o deputado estadual Acácio Braga Rolim e o prefeito já citado. Aos 12 de dezembro de 1961, através da Lei. 2.616, logo o município foi elevado à categoria de cidade, sendo instalado oficialmente dia 29 do mesmo mês e ano (Sousa, 2010, pag. 109).

Desmembramento de Antenor Navarro ocorrido em 1961 resultou na sua emancipação política, nessa época Santa Helena deixa de ser distrito e passa a ser cidade. Dessa forma a história de Santa Helena esta ligada a de São João do Rio do Peixe (Antenor Navarro).

A mudança de nome “Canto de Feijão” para Santa Helena de acordo com Vitoriano (2010) foi uma homenagem feita por Joaquim Cirilo de Sá, o Padre Sá, a sua mãe Helena Maria do Sacramento Sá. Ele era o Vigário da Paróquia de São João do Rio do Peixe.

Na perspectiva de Vitoriano (2010) o município possui 37 sítios e dois distritos: Melancias e Várzea da Ema. A sede do município conta com 15 ruas, sendo duas projetadas, cinco travessas e três conjuntos habitacionais que são: Conjunto Antonio Mariz, Conjunto Vila Nova e Antonio Felipe.

Quanto a acesso por estradas ao município, verificamos:

O município está localizado no extremo Oeste da Paraíba, limitando-se a Norte com Triunfo e Poço de José de Moura; ao Sul com Bom Jesus e Cajazeiras; a Leste com São João do Rio do Peixe, e a Oeste com Baixio, no Estado do Ceará. Ocupa uma área de 208,8 km², inserida na meso-região do sertão paraibano e na micro-região de Cajazeiras. A sede municipal apresenta uma altitude de 325m e coordenadas geográficas de 38° 38' 16'' de longitude oeste e de 06° 43' 12'' de latitude sul. O acesso, a partir de João Pessoa, é feito através da BR-230 até a cidade de Cajazeiras, onde se toma a PB-393 até São João do Rio do Peixe. Neste ponto, segue-se pela PB-395 para Santa Helena, a qual distancia-se cerca de 518,0 km da capital (Sousa, 2010, pag.109).

A citação volta-se para dados de localização, apontando para as maneiras de acesso ao município, indicando os municípios que fazem fronteiras e as vias terrestres de acesso, a BR-230 e a PB-393.

A trajetória econômica como atesta Vitoriano (2010) teve início com a sesmaria de Luis Quaresma Dourado adquirida na época da colonização portuguesa no século XVII para a atividade de criação de gado. A pecuária se caracterizou como sendo atividade econômica predominante na região. No século XX quando teve seu crescimento acelerado era ainda nomeada de Canto de Feijão, devido o notável cultivo deste legume. Cultivou também outros legumes típicos da região como: milho, banana, arroz etc.

Podemos aqui postular que a criação de gado e a agricultura se posicionam historicamente como as principais atividades econômicas. O comércio também se apresenta como mais uma atividade econômica neste cenário em decorrência de acentuado povoamento.

De acordo com Vitoriano (2010), atualmente podemos mencionar sobre a economia do município as seguintes atividades: a lavoura permanente de goiaba, do coco-bahia e da banana. Segundo informes do IBGE, este cultivo é mais predominante no Distrito de Várzea da Ema, as margens do canal que transporta água da barragem da Lagoa do Arroz, para o uso de irrigação no então distrito. Além disso, produz hortaliças e leguminosas, que abastecem tanto a sede do município de Santa Helena, como as cidades vizinhas, São João do Rio do Peixe e Cajazeiras. A tecnologia nestas lavouras é rudimentar, uma vez que representa o sustento familiar, uma produção limitada que necessita de mais sofisticação e investimento para o crescimento da produção.

No entanto, esta produção representa sua contribuição para o comércio da cidade, aonde estes agricultores consomem os produtos varejistas da cidade, deixando sua contribuição no desenvolvimento econômico local. Outra fonte econômica é o serviço público municipal, funcionários da rede municipal, Estadual, que são consumidores deste comércio.

Quanto à origem dos habitantes e população do município:

“O povo Santa-helenense, surgiu da mistura das raças branca, negra e índia. Sendo que a última já habitava a nossa região. A população mestiça, é o resultado da união de três etnias: a mulata, a cabocla e a cafuza” (Sousa, 2010, s/pag.).

Na perspectiva de Vitoriano de Sousa (2010), são os Santa-helenense fruto de hibridização de raças e culturas, aonde os costumes e tradições se proliferam nesse contato de diferentes etnias.

Dados do IBGE mais recente apontam para a população do então município, em 2010 possuía 5.369 habitantes, sendo 2.626 homens e 2.743 mulheres. A cidade contém 2.132 domicílios particulares e permanentes dentre eles temos 1.666 domicílios ocupados. A extensão territorial do município é de 210, 317 km². Possui apenas dois Distritos: Várzea da Ema e Melancias.

Sobre a saúde os dados coletados durante a pesquisa em campo informam que os Santa-helenenses disponibilizam de três postos que atende o serviço público do município, tais estão situados da seguinte maneira, um na sede do município, o outro no

Distrito de Melancias e o terceiro no distrito de Várzea da Ema. Além disso, um laboratório de análises clínicas e um centro de especialidades médicas.

Segundo informações de Vicente Quaresma Duarte², residente no sítio Malhada Bonita, agricultor aposentado, idade 60 anos, diz:

No sítio Umarizeiro no decorrer da segunda metade do século XX havia uma família, os Maria, que conduzia os momentos de festas, possuíam instrumentos como Zabumba, triângulo, ganzá (instrumento feito na forma de um cilindro), violão, o pífano, eram eles que animam as festas (entrevista).

É uma família que tradicionalmente conduzia as ocasiões festivas do município, essa é uma família que se encontra na memória dos santa-helenenses como a responsável de animar as noites de festa naquele tempo.

Observamos outras formas de entretenimento dessa gente desenvolvida (1950 a 2013) como a anedota é uma maneira de escrito que tem como objetivo provoca risos, geralmente são curtas. Parlenda são versos pequenos, normalmente usados pra divertir crianças. Os provérbios são ditos de criação popular que transmiti experiências da vida em comunidade. Adivinhas maneiras de passa o tempo se divertindo, o uso da imaginação para brincadeiras feitas oralmente.

No decorrer da pesquisa em campo pude perceber quanto às festas do padroeiro, estes são momentos que os parentes que moram distantes vêm visitar os familiares e amigos.

A sede do município e as comunidades rurais costumam ter um padroeiro na qual todo ano celebram a festa do padroeiro, é comum semanas antes da festa pedir esmola para o Santo, as galinhas são doadas para festeja estes momentos são abatidas, assadas e vendidas para as pessoas que celebram essas ocasiões.

Durante o ano podemos elencar algumas festas tradicionais que acontecem: Fevereiro/março o carnaval, Maio mês mariano, Junho as festas juninas e festa do padroeiro de Melancias, que é Santo Antônio, venerada como Santo casamenteiro por os populares, Julho e agosto mês de vaquejadas e cavalgadas, Setembro a festa da

² Entrevista concedida por Vicente Quaresma, ele não é rezador. Expressa os momentos festivos por ele vivenciados, ele cita os instrumentos utilizado por esse conjunto musical, os Maria.

padroeira da cidade, que é Santa Helena e Dezembro festa da cidade, dia 12, aonde se comemora a emancipação política, além das festas de natal e ano novo.

Identificamos como rezadores de Santa Helena-PB pessoas se destacam dos demais moradores por exercerem o ofício de práticas de reza e cura. São destacados e reconhecidos pela comunidade como rezadores. O rezador Vicente Duarte Quaresma³, idade 38, residente na Rua Antônio Soares, em Santa Helena-PB, afirma rezar somente em crianças, segundo ele “vez por outra as pessoas procuram pra eu rezar”, ele conta uma situação de reza, diz;

Uma vez eu estava em casa e uma mulher chegou com um menino, o menino estava os gritos chorando, a mãe aperreada chegou pedindo pra eu rezar, ai eu disse eu rezo, rezei e o menino parou de chorar, quando eu terminei de rezar o menino tava dormindo, depois eu vi a mãe dele e ela mim disse que ele só foi se acorda no outro dia. (Duarte)

Como se percebe no relato o ato de rezar esta propicia a qualquer momento, isso se for uma criança, caso seja um adulto ou idoso ele não reza. Dessa forma, o cotidiano do Rezador Vicente Duarte é marcado por uma rotina em que uma pessoa ao necessitar de sua reza e chegar a sua casa será atendida prontamente. Sua atuação é curiosa porque como diz, atua somente com pessoas específicas porque ele aprendeu poucas rezas, estas que são vistas por ele, como capazes de curar apenas crianças, como ele costuma dizer, “rezo somente em menino”.

Quanto ao diagnóstico do depoimento citado por então rezador, teria o mesmo detectado que a criança estava com “cólica”, percebendo isso quando estava rezando na criança pressionava um pouco o “menino”, isso junto com a reza teria em sua percepção teria triunfado no mal na criança e ela teria ficado boa “quando eu terminei o menino estava dormindo”. O rezador demonstra o agindo com fé na cura: “eu estava mim preparando pra almoçar, deixei e fui rezar”. O rezador deixando os seus afazeres em segundo plano, para rezar na criança em primeiro lugar, busca amenizar a aflição e sofrimento da mãe e se apresenta com um bom rezador que não deixa as pessoas esperando. Encara a reza como uma obrigação, algo serio, deve ser acolhedor quando as pessoas o procuram.

³ Entrevista concedida aonde ele mostra sua prática, e a aflição de uma mãe com o seu filho chorando.

Em sua casa não possui grande quantidade de imagens de Santos, mas afirma sempre ter muita fé em Deus e em rezas: “*de primeiro as pessoas rezava mais e as pessoas tinha mais saúde*”. Para o mesmo na atualidade as pessoas têm buscado menos a religião, Deus, e isto resultaria em menos saúde. É um homem com uma concepção de mundo em que a religiosidade ocupa um relevante espaço. Deseja que as pessoas compartilhem essa sua religiosidade, diz-se magoado com algumas pessoas que não buscarem muito rezar.

O rezador Damião Correa⁴, idade 35 anos, residente no sitio Malhada Bonita, seu pai Chico Correa era rezador, não mais atua com a prática em virtude de esta com a idade avançada. Um filho e uma filha seguem sua pratica de rezador atuando em seu lugar. Damião Correa se assemelha a Vicente rezando somente em crianças. Como reside na casa de sua irmã, que também realiza a prática de reza, atua poucas vezes, porém, se coloca a disposição de quem dele necessite. Ambos não se colocam em suas falas como curadores, afirmam que o ato de curar é a “fé da pessoa que esta sendo rezado”. É importante esta estabelecer esta relação, não basta apenas eles rezarem.

Raimundo do Carmo outro rezador mora no sitio São Bento, diferente dos dois rezadores anteriormente citados, realiza a prática de reza em todas as pessoas, quer sejam idosos, adolescentes ou crianças. Na sua morada notamos a presença de imagens de vários Santos da Igreja Católica.

Ele se constitui como sendo o rezador mais famoso no município, reza pra várias enfermidades, entre estas destacasse o “Cobreiro”. Averiguamos a citação quanto a esta enfermidade:

Conhecido como herpes-zoster, uma afecção virótica, caracterizada por erupções bolhosas e avermelhadas, na pele - analisando-o, sob o âmbito terapêutico e lingüístico, compilou um repertório de rezas e práticas populares, do folclore nacional, encontrado na literatura e em sua pesquisa de campo, nas favelas de Ibiúna-SP, encontrando um repleto panorama semântico, que remonta ao período do Brasil Colônia (Lucena, 2011, pag.08).

A citação faz menção aos sintomas das doenças, aponta para o nome científico “*herpes-zoster*”, se apresenta com uma virose.

⁴ Por ser um rezador que mora na casa de sua irmã Geralda Correa, que é rezadeira, exerce o ofício de reza normalmente quando sua irmã esta ausente.

Na perspectiva de Lucena (2011) “Cobreiro” é o nome utilizado por populares para definir este mal, e que este como outros males eram comuns no Brasil Colônia, e a maneira de cura naqueles tempos era por meio da reza.

Uma prática que era comum na Colônia continua nos dias atuais por populares como o senhor rezador Raimundo do Carmo.

No relato sobre o atendimento a um senhor de 87 anos que estava enfermo, com um cobreiro, o rezador Raimundo do Carmo⁵, diz:

As pessoas, todo mundo mim procuram pra eu rezar, porque eu já fui até na Ubaera (sitio da cidade do Baixio - CE) curar três cobreiro, cada uma pessoa estava com um cobreiro. Foi assim no dia de São Sebastião, o filho dele conversando mais Francisco meu (filho) ai ele disse que o pai dele estava com o cobreiro, já tinha gastado uma fortuna e não tinha ficado bom, ai ele disse; - Papai rezar em um cobreiro nove vezes e a pessoa fica boazinha, ai ele disse: - Rapaz vamos ajeitar pra teu pai ir lá pra rezar em meu pai. Ai Francisco quando chegou em casa ligou pra mim perguntando se eu mim atrevia a ir (entrevista).

A presença do rezador na casa de um enfermo fez com que se espalhasse o “boato” da sua presença na região e assim outras pessoas com Cobreiro, ao ficarem sabendo buscaram ser atendidas, também pelo rezador. Portanto, em seu dia a dia o rezador exercendo seu ofício, atendendo pessoas em suas moradas.

Os rezadores de Santa Helena-PB compartilham o fato de realizarem a prática da reza em qualquer lugar onde for solicitado, podendo ser na própria casa do rezado, ou de um parente, amigo, ou seja, fazem o seu ofício, não apenas em suas residências, além disso, não cobram nada por esta ação.

Sobre a utilidade da reza o rezador Raimundo do Carmo faz uso da expressão popular “oxente” reforçando a sentença do poder da cura pela oração. A expressão do rezador afirma a cura pela “oração” termo sinônimo da palavra reza. Assim, anuncia o poder curativo da cura pela oração como parte de sua cultura. Nesta, seu ofício é algo importantíssimo e como tal deve ser mantido no seu dia a dia.

Os rezadores como já mencionamos aliam rezas e ervas nas praticas de cura. Assim, são conhecedores (e muitas das vezes cultivadores) de um conjunto de plantas

⁵ Por ser um rezador que reza em “Cobreiro” é costume quando solicitado ir até a morada de homens e mulheres pra rezar.

medicinais, como atesta o rezador Raimundo do Carmo em seus depoimentos sobre os saberes da produção de remédios de sua autoria⁶:

Eu sei fazer o lambedor pra tosse, assim eu faço o lambedor, é com malvado reino, com mangara de banana, com a raiz de três pés de musambé e umas casquinhas de angico, eu cozinho, boto dois litros de água, fervor pra ficar no nível, ai eu cõo aqueles bagaço, ai boto na vasilha, lava a vasilha bem lavada, boto aquela água fervida, chega a ficar da cor de Conhaque, ai eu boto no nível, coloco um 1 kg de açúcar dentro, ai fico mexendo e apurar até da o ponto, nem muito grosso nem muito fino, ai a pessoa com tosse fica tomando aquele tipo de remédio, não tem tipo de tosse pra não curar (entrvista).

O “saber” do rezador é algo bastante interessante, expressa e transmite precisão quanto à quantidade das ervas, raízes e as demais composições. O rezador se apresenta bastante convicção quanto ao efeito de seu “lambedor”, que em sua opinião tem eficácia como medicamento, cuja fórmula ele sabe e utiliza enquanto rezador e curador.

O saber do Rezador Raimundo⁷ do Carmo também aparece na produção da “garrafada”, ele diz:

Serve pra tosse, pra penis, eu fazia a garrafada assim com a raiz de urtiga branca, com a raiz de jurubeba e com cachaça, um litro de cachaça e um pouco de melancias da praia também, eu fazia essa raizada assim, o povo tomava e achava muito bom, ainda hoje eu faço né, alguma pessoa tomou ai quando esta meio cá meio lá ai vem pra eu fazer raizada (entrevista).

A “garrafada” apesar de a saúde ser atualmente sofisticada, nos dias atuais esta é uma prática que ainda prevalece. Em sua fala ele afirma pra que serve, “tosse e pênis”.

Ainda sobre o uso das ervas na feitura das “garrafadas, raizadas” o rezador Vicente Duarte⁸, diz:

Olha eu não sei fazer essas coisas não, mais no tempo que eu era menino o remédio era esse, quando o menino adoecia no meu tempo a mãe corria fazia um chã, ia pro rezador ou rezadeira que indicava uma raizada uma garrafa, era assim, não tinha essa história de ir pro médico, olhai e os meninos tinha saúde, era fortim, até os que nascia já nascia fortim, porque os que nasce hoje é grande mais são fraco, por causa dos nossos alimentos, hoje em dia as comidas tem muito hormônios, como por exemplo, os frango de granja. As crianças são grande mais não são fortim (entrevista).

⁶ Quando acontece dele gripar recorrer ao seu Lambedor como uma alternativa de cura, graças as suas experiências antes vivenciadas.

⁷ As pessoas que solicitam da garrafa costumam ser pessoas que tomaram uma vez e se sentiram melhor.

⁸ Vicente Duarte se lembra de quando criança dos “remédios” e dos “médicos convencionais” da época, ultimas décadas do século XX.

O rezador fala de quando era criança, fazendo uma comparação entre o tempo de ontem e os dias atuais. Afirmo não saber fazer raizadas e garrafadas, mas não despreza e reconhece a existência das mesmas quando comparando a saúde das crianças de ontem que faziam uso das garrafadas e tinham mais saúde “olha as crianças tinha mais saúde”. Por tratarem os enfermos com ervas, quando faziam chãs e “garrafadas, raizadas” e rezarem mais, as pessoas tinham mais saúde segundo sua opinião.

Na casa da rezadeira Dona Geralda Correa, localizada no sitio Malhada Bonita, zona rural do município de Santa Helena-PB, presenciei o cultivo de algumas ervas medicinais, como hortelã, cinderela, malva, capim santo, babosa, mentruz, assim como o cultivo de algumas frutas, laranja, limão, goiaba, banana entre outras. Assim, o cultivo dessas ervas, junto com as rezas, vai possibilitar que essas pessoas sejam vez por outra procuradas em suas moradas pra realizar a cura, de enfermidades. Graças a esse conhecimento das ervas, suas crenças nos Santos protetores, pessoas como a rezadeira Geralda Correa, dividem seu dia a dia com outros praticando-lhes a cura.

Mas, trata-se de uma convivência que não anula a compra de remédios na farmácia. ⁹Quando visitei a casa de Dona Geralda verifiquei a compra de xarope para uso das pessoas que viviam com ela em sua casa, para seu filho. Portanto, as práticas das rezadeiras e especial Dona Geralda Correa são realizadas num universo em que não se anula as experiências com o conhecimento científico da medicina. Vez por outra, como segunda opção, recorrem às ervas e rezas no preparo de lambedores, raizadas e garrafadas, diante de algumas enfermidades que ao ver de Geralda Correa são passivas de serem curadas em casa mesmo. Sobre a produção da garrafada ela fala como faz, o que utiliza, e pra que serve:

Pra gripe, eu pego malva do reino corona, hortelã, mastruz e às vezes casca de rumam, limão, faço muito, casca de imburana, casca de caju, eu pego e faço o chá, numa panela dentro, pego só é coou, faço um chã, quando só e coou, espremo tudinho quando só é boto na vasilha panela, ai só é, canso de botar é rapadura, ou mel de abelha que é mais sadio né, não tendo eu boto rapadura, fica parecido com a vitamina que agente compra, ai eu querendo eu boto cravo, boto canela, tudo é bom, até nove mistura eu faço, eu tomo, às vezes, o vizinho estava gripado aqui, ai eu botei num frasquinho e mandei levar, pras minhas meninas eu tinha e era muito aqui (entrevista)

⁹ Para a rezadeira Geralda Correa a compra de xarope acontece raramente.

Na percepção da rezadeira eis um remédio pra gripe e para tosse a partir da utilização de ervas, rapadura, mel, uma mistura que é variada. Trata-se de um remédio caseiro que ela utiliza quando esta gripada e oferece aos familiares que moram com ela e aos vizinhos, de maneira solidaria, sem nada cobrar. Dar relevância a fabricação do remédio caseiro, graças às experiências passadas de cura comprovada várias vezes, em varias pessoas, caso não tivesse eficácia, a mesma deixaria de fazer a composição. Trata-se de uma prática solidária, de uma tradição que ela adquiriu com sua sogra e com seu pai, ambos rezadores. Valoriza o cultivo de ervas em sua morada que compartilha com as pessoas que as procuram: “às vezes, chega à pessoa eu rezo, tiro de tudinho e entrego e digo como é pra fazer o chá”.

Sobre cultivo de plantas nas moradas das rezadeiras de Cruzeta/RN, Vitor dos Santos, diz:

*No quintal das rezadeiras, elas costumavam cultivar algumas plantas, entre elas arvores frutíferas como mamoeiros, goiabeiras, coqueiros, pés de acerola, graviola etc., além de plantas medicinais como mastruz, pimenta, corama santa, hortelã, pião roxo e outros tipos. Com os galhinhos (ramos) destas plantas consideradas medicinais que elas realizavam parte do ritual de cura. Inclusive Joanhina falou que é difícil comprar “remédio de farmácia” quando adoce alguém em sua casa com gripe. Ela mesma faz lambedores com suas plantas que cultivam no quintal. Apenas não chega a prescrever esses “remédios caseiros” para as pessoas que se rezam, se algumas delas pedir pra preparar um lambedor ou garrafa ela diz que faz, principalmente para crianças com catarro preso no peito. Dentro das varias plantas existentes, cito as conhecidas: Arruda (*Rutagraviolens*) (*lowsonia inermes* L.), pinhão roxo (*Jatrophagrossypiifolia* L.), romã (*punica granatum*), cidrela (*Citrus medica* L.) acerola (*malpighiaemarginata*). (Santos, 2007, pag. 105)*

O autor em pesquisa visita um conjunto de rezadeiras percebendo no quintal da casa o cultivo das plantas utilizadas nos “remédios caseiros com lambedores e garrafadas”. Podemos dizer que o remédio caseiro, o cultivo de ervas, o saber curativo da rezadeira Joanhina de Cruzeta/RN é prática comum entre rezadeiras e rezadores no nordeste, inclusive em Santa Helena-PB, assim como percebemos no relato do rezador Raimundo do Carmo e da rezadeira Geralda Correa. Até para a mesma indicação, “pra gripe”.

Assim as ervas ocupam um lugar relevante para rezadeiras, possuem grande significado. As ervas são em seu meio social mais uma opção para se obter a cura, logo é importante o cultivo em suas casas.

Rodrigues Theotonio em estudo intitulado *Ramos de Poder: Rezadeiras e Práticas mágicas na zona Rural de Areia-PB*, diz;

Durante as inúmeras idas nas casas das rezadeiras, observando o convívio delas com a comunidade que se reza e a partilha de muitos de seus saberes, foi possível identificar a indicação de várias plantas no combate às doenças apresentadas pelos seus familiares, vizinhos, e ensinadas também depois das ocasiões em que a reza era proferida. Provavelmente muitas dessas receitas fazem parte de um patrimônio cultural que se afirma ao longo de gerações, com acréscimos de novas maneiras de manipular determinadas ervas, com mudanças necessárias frente à sintomas e doenças mais recentes, com informações sobre plantas e saúde vinculadas na televisão e no rádio e, também, com a permanência da crença na eficácia do poder curativo das ervas, em especial quando estão inseridas de alguma forma no ritual da reza (Rodrigues, 2010, pag.78).

Rodrigues Theotonio também detectou que na morada das rezadeira a presença de ervas. Cultivo que observa a autora algo não exclusivo das rezadeiras, “muitas dessas receitas fazem parte de um patrimônio cultural” o que implica dizer que a utilização dessas ervas não se restringe somente ao domínio das rezadeiras, outras pessoas que não são rezadeiras, possuem este domínio de utilização, o que vai resultar no que a autora diz ser patrimônio cultural¹⁰. Porém, as rezadeiras se destacam entre as pessoas por compartilhar mais sobre o poder curativos dessas ervas, porque estas fazem parte do ritual de cura¹¹.

¹⁰ Ver tabela exposta por Rodrigues, 2010, paginas; 78 a 80, aonde ela cita o nome da planta, erva medicinal, a nomeação usada popularmente, e o nome científico dessas plantas, e a indicação passada por as rezadeiras.

¹¹ Ver tabela exposta por Rodrigues, 2010, pag. 85, em que é citado nomeações das plantas, as enfermidades que ela combate e a maneira na qual ela é distribuída, formas de apresentação dos fitoterápicos.

CAPÍTULO III

OFÍCIO DE CURA EM SANTA HELENA - PB: REZADEIRAS E REZADORES

Mesmo tendo em vista as mudanças nas políticas de saúde nos municípios brasileiros, ocorridas notadamente nas últimas décadas, em Santa Helena- PB ainda é significativa a presença das práticas de cura através das rezadeiras e rezadores. Essa presença relevante nos instigou a desenvolver um estudo que pudesse contar a história desse personagem, suas formas de atuação e suas curas. Esse capítulo abordará mais diretamente a apresentação dessas questões.

Quando iniciamos nosso estudo percebemos que a presença desses rezadores e rezadeiras dos tempos atuais fazem parte de uma tradição que recua a tempos anteriores aos anos 1950, marco cronológico ao qual pertence os rezadores personagens do nosso trabalho. Estes continuam com visibilidade nas comunidades e bairros de Santa Helena onde residem e em algumas regiões da circunvizinhança. Assim, compreendemos que em momentos anteriores, o ofício de rezadores e rezadeiras era uma prática comum. Mas quem eram essas pessoas? Sobre a perspectiva dos rezadores e rezadeiras eles assim se definem:

São pessoas que tem fé e aquela boa vontade de ajudar, porque é muito bom né, pras crianças, e tem problema de criança que com a reza fica bom mesmo, é por isso que tem, quando eu era criança já tinha, rezavam e passavam esses remédios caseiros, alguma erva pra chá. (entrevista)

Aqui, nos chama atenção o aspecto peculiar as rezadeiras e rezadores, o fato de serem pessoas de fé. Ainda destacam a questão de realizarem sua prática sem nada cobrar. Agem por solidariedade e alguns se especializam em seus atendimentos às crianças apenas. Outros deles rezam em jovens, adultos e idosos, a exemplo o rezador Raimundo do Carmo.

A rezadeira justifica sua atuação partindo de sua convicção, “tem problema de criança que com a reza fica bom mesmo”, mediante sua forma de entender, os rezadores são importantes porque desenvolvem uma prática de ajudar o próximo, ao rezar a mesma tem a convicção que esta realizando uma prática curativa.

Vejamos como a rezadeira Dona Geralda Correa, 61 anos, residente no sítio Malhada Bonita, agricultora aposentada, se define:

É uma coisa boa, eu mim sinto bem né, eu mim sinto bem assim, Deus é bom toda hora, e se você chega com um problema e pede pra eu rezar, aí eu vou e rezo, e você se sente melhor, aliviado, ou fica bom mesmo, tem gente que chega e diz, avemaria fiquei bonzinho, que dizer que eu mim sinto feliz, porque a palavra de Deus esta vogando na minha palavra, na minha boca, na minha fé e pra fé daquela pessoa também, porque quem cura é a fé né, aí se a pessoa chega pra eu rezo e melhora, não tenho preguiça de rezar a ninguém de jeito nenhum, acho bom mesmo rezar, agora a pessoa que não tem fé, não acredita, nem venha que eu também não rezo não, em primeiro lugar a fé em Deus, e naquelas palavras, as palavras de Deus, então pra quem tem fé a reza é muito importante, a fé, a reza, acura, mas pra quem não tem fé acho que pra ele não existe nem Deus, muito pior a fé, porque agente só vive através da fé em Deus, primeiro lugar Deus e em segundo lugar a fé que agente tem, aí pronto se a pessoa não tem fé não tá com nada (entrevista).

No depoimento a personagem começa sua fala indicando sobre a relevância de Deus em sua vida, “Deus é bom toda hora”. Nos momentos de oração, rezando em uma pessoa, jovem ou criança, se ver em contato com Deus por meio da reza. Em decorrência ela se sente feliz, fica mais satisfeita ainda quando o rezado sai satisfeito de sua morada, ou do lugar onde ela rezou, pois a mesma reza nas casas das pessoas quando solicitada.

Por exercer uma prática reconhecida pelas pessoas, a mesma não tem preguiça, basta que o rezado tenha fé em Deus e nas palavras das orações que diz. Palavras essas que coloca como “as palavras de Deus”

Na percepção dela, a fé é um elemento de fundamental importância quando se reza, se não houver fé, muito menos haverá cura. Por isso se for informada que uma pessoa que não tem fé em reza, vai ao seu encontro pra ela rezar, ela não reza, porque ao seu modo de perceber, o universo o seu meio tudo foi criado por um ser sobrenatural.

É graças a essa sua maneira de enxergar que compreende que pessoas, crianças, jovens e idosas, que não acreditam em rezas também não acreditam em Deus. Por não desenvolver a mesma percepção que ela, estes ficam impossibilitadas de crer na existência de um ser superior que pode curar, Deus.

Antônio Quaresma de Mendonça, agricultor, 54 anos, residente no sítio Malhada Bonita, define:

Uma rezadeira ou rezador, no meu modo de pensar, vamos supor, uma curandeira ou curador né, cura aquela doença, aquele problema, se acontecer de ser um problema curado com reza, acredito que com reza é o que vai melhora mesmo, porque tem os problemas que é obrigado há ir ao médico, como esse meu caso, eu fui ao médico, fui pra rezadeira, mais depois da rezadeira passei a pomada novamente, foi os dois né, comecei lavar os pés com sabão e água, começou sarando, ai eu precisei da reza e também do médico.(entrevista)

No meio social que Antônio Quaresma esta inserido, os rezadores e rezadeiras dividem a arte de curar com os médicos. Entendem que não são capazes de curar todas as doenças ou como dizem todos os “problemas”. Os médicos são visto como os únicos que podem curar algumas doenças.

O agricultor quando se viu enfermo com “irritação na pele, nos membros inferiores”, a fim de cura foi até a rezadeira como uma ação que faz parte do seu meio cultural. Um costume seguido por ele e os demais. Quando se encontram enfermos uma das alternativas é a busca do ofício do rezador, embora tenha ao seu dispor a assistência médica.

A atuação desses personagens frente às pessoas que as procuram, crianças, jovens, adultos e idosos, dá-se em virtude de suas rezas e de suas crenças. Sobre este assunto Rodrigues ao analisar a atuação de rezadeiras em comunidades rurais de Areia-PB, diz;

A reza convive com as convicções religiosas do catolicismo, tão presente nas comunidades envolvidas nessa pesquisa. Essa convivência com o catolicismo é complexa e se manifesta em vários momentos da reza quando, a esse processo, se incorporam as orações da Igreja Católica e a devoção aos santos católicos. Dessa forma, a reza é uma pratica cultural, curativa e religiosa (Rodrigues, 2010, pag. 119).

Na perspectiva de Rodrigues, a reza torna-se uma prática cultural porque é transmitida de uma pessoa para outra, ela ganha esse caráter cultural, porque é um ensinamento que é passado com o intuito de manter o costume, de manter a crença, sobretudo, quanto às rezas de Santos, tido dentro na crença como protetores de algumas enfermidades. Além disso, é uma prática visualizada por outras pessoas, os rezados, “os adeptos”.

Desse modo, esta prática se realiza como atividade reconhecida. A reza é um instrumento de fé capaz de restabelecer o equilíbrio do corpo, tornando possível assim à cura, formando assim uma pratica curativa no decorrer do ritual. É também, a reza uma

prática religiosa porque são usadas orações que fazem parte da religião cristã, do ritual da missa, como o Pai Nosso, Ave Maria, além disso, comportam essas rezas outras orações que tem origens voltadas para acontecimentos nas vidas dos Santos da Igreja Católica, que se apresentam sob formas diversas, e se aproximam de uma concepção de catolicismo popular. Nessa perspectiva a reza é um ato de fé. Dessa forma as rezadeiras e rezadores rezam nas pessoas e através desse entendimento entre eles, acontece à cura. Falam da reza como uma prática cultural, religiosa e curativa.

Vejamos como a rezadeira Helena Maria, 48 anos, agricultora, residente do sitio Malhada Bonita, define a reza e sua utilidade:

Para tirar o mal das pessoas, das crianças de nós. Utilizo o Pai nosso que é a maior, e a reza mais poderosa que existe; o pai nosso, a avemaria e salve rainha, eu rezo confiando em Deus, a minha fé nas palavras que eu digo, junto com a fé da pessoa rezada e o que faz curar, seja um quebrante, um olhado ou outro problema (entrevista).

Dessa forma, a rezadeira crê que a reza no seu dia a dia é algo que deve ser mantido, para assim afasta o mal dela e das pessoas. No depoimento deixa expressa a mensagem que a prática religiosa é capaz de fazer o bem, em contrapartida ao mal. Cita algumas orações da religião cristã, da Igreja Católica como o Pai Nosso e a Ave Maria expressando assim a proximidade que a mesma tem com a Igreja. A fala de Helena Maria vai de encontro ao estudo de Carla Rodrigues, no que sugere e esclarece à reza como uma prática religiosa e curativa.

A rezadeira possui uma visão sobre as causas das doenças, a qual é apresentada quando ela diz: “para tirar o mal das pessoas”, assim, relativamente ela entende que a reza possui o poder de cura. Não especificam o mal, mas percebem alguns desequilíbrios do corpo como “doenças de rezadeiras”, que são curadas com a utilização de rezas. É graças a essa percepção que ela se mantém no ofício de rezadeira, e que algumas pessoas a buscam, moldando assim o seu cotidiano.

O ritual de cura é um momento em que as rezas são utilizadas por esses personagens em que assumem um papel de curar, estes e os rezados compartilham a fé de ser curado com as palavras ditas naquele momento. Sobre a prática da reza voltemos analisar ao estudo de Rodrigues:

A prática da reza é composta pelas as orações oficiais da Igreja Católica, seguidas pelas as formulas de reza específicas para cada enfermidade. O início é sempre com o Pelo Sinal, seguido pelo credo e o pai-nosso, mas durante a reza, cada rezadeira tem sua maneira de organizar as etapas da oração (Rodrigues, 2010, pag. 103).

A citação nos possibilita entendermos um pouco sobre quais são as rezas e suas finalidades indicando quanto as suas origens nos quadros da Igreja Católica. No entanto, existe além das rezas oficiais o acréscimo de outras orações, as “rezas específicas para cada enfermidade”.

Um “artifício” da prática é não existir por parte das rezadeiras uma ordem a ser seguida quanto à organização das orações. Cada uma detém sua forma de organiza as orações, é um ofício na qual que não exige uma regra a ser seguida quanto à ordem das rezas. Além disso, as “fórmulas” são especificidades de algumas rezas de determinado Santo Católico.

Sobre as rezas e as utilizações sobre as enfermidades, em que os Santos são citados, Carla Rodrigues em seu trabalho se espelha e cita Marc Bloch:

Para compreender como permanece essa variação de santos e especialidades curativas, achamos pro bem elencar as observações de Marc Bloch, que em “os reis Taumaturgos” elaboram uma comparação dos poderes curativos dos reis com as possibilidades de cura proporcionadas por os santos “todo santo passa médico junto ao povo, pouco a pouco, em virtude de associações de ideias frequentemente obscuras, seus fiéis acostumam-se atribuir-lhe o dom de mitigar, esta ou aquela enfermidade (Rodrigues, 2010, pag. 24).

Existe uma relação entre a cura e os Santos. Segundo Marc Bloch os chamados reis Taumaturgos se apresentavam como herdeiros do poder sagrado da cura, desde tempos remotos.

No ofício da reza os Santos também exercem esta relação de cura de determinada enfermidade. Cada Santo tem uma oração, oração esta que se volta para determinada tipo de enfermo. Nesse meio o Santo vai ser aprendido como protetor dessa enfermidade, assim pensa: Rezadeiras, rezadores e enfermos:

Na história de vida dos relacionados nas rezas, é possível encontrar elementos que justifiquem sua a invocação, pelo o poder que teriam de curar as enfermidades para as quais a reza é destinada. Outras associações são medidas pela devoção da rezadeira a um determinado santo, ou a uma tradição local, onde nem sempre é possível identificar na hagiografia um

acontecimento que remeta a determinado poder curativo (Rodrigues, 2010 pag. 109).

A autora analisa a atuação de rezadeiras específicas, do município de Areia-PB. Em seu estudo busca explicar a relação que essas estabelecem quanto aos Santos, visando assim justificar a presença desses no ofício das rezadeiras na qual ela pesquisou. No mesmo trabalho Rodrigues define como os Santos vão se tornando protetores de determinadas enfermidades:

Santos que foram martirizados são lembrados nas rezas, em especial naqueles em que a doença que incomoda o doente também assolou um Santo, que o triunfou para além desse mal passageiro. O relato do martírio de Santa Apolônia é assim descrito: Os pagãos pegaram uma virgem, Apolônia, já idosa. Cortaram-lhe os seios e arrancaram-lhe os dentes. Depois fizeram uma fogueira e ameaçaram jogá-la, caso não blasfemasse. Apolônia tinha 40 anos quando sofreu o martírio e seu culto logo se espalhou no oriente (Rodrigues, 2010, pag. 110).

Na perspectiva de Rodrigues (2010) o entendimento da presença de Santos no ritual de cura, é legitimado quanto invocado no ato da reza. A exemplo da invocação da Santa Apolônia que teve seus seios e dentes arrancados, sendo lembrada no ofício das rezadeiras de Areia PB como protetora dos dentes.

Assim, a legitimação se darem decorrência desses Santos terem sido martirizados, terem vencido todo o sofrimento mediante a sua fé cristã. Dessa forma, vai sendo definido cada Santo, como protetor de determinada enfermidade.

Em nosso trabalho notamos que as rezadeiras e rezadores se posicionam a favor da presença dos Santos para vencer as enfermidades, acreditam nas orações dos santos, mas, mantém em segredo essas orações usando-as no ritual de cura de forma oculta. Pronunciam as orações num tom de voz baixo, em que o enfermo não consegue ouvir muito menos memorizar a reza. Cabe a este, apenas, ter fé na reza para vencer a enfermidade.

Todavia, ter fé não é difícil para essa gente. O cotidiano desses personagens é marcado por adoração aos Santos, os quais possuem suas imagens em suas moradas, expostas nas paredes, ou guardadas no oratório de suas casas. Estão em constante participação nas cerimônias da Igreja Católica, onde nas igrejas ou paróquias venera-se um Santo que anualmente realizam uma festa em seu louvor. Circunstâncias como essas ajudam a manter a crença dos Santos frente aos enfermos. Situação que ocorre em

Santa Helena - PB, e nas demais Igrejas da região do Sertão ao Brejo paraibano como indica o estudo das rezadeiras de Areia - PB.

Assim, queremos reforçar que é no cotidiano de aproximação e fé nos Santos que para as rezadeiras e os rezadores alguns Santos são vistos como protetores de algumas enfermidades, e a forma como eles agem no ritual destes é com a evocação de sua oração: A reza. Os Santos foram se propagando frente ao combate de determinadas enfermidades, algo que prevalece diretamente nas crenças populares, como nas práticas desses personagens. Erivaldo Simões de Oliveira afirma:

Nos locais que são exercidos as curas, por parte dessas mulheres do sagrado, encontramos uma grande quantidade de imagens de Santos da Igreja Católica. Entre essas se encontra as imagens de Nossa Senhora da Conceição, Santa Luzia, São Paulo, São Pedro, Santa Barbara, São Cosme e São Damião, entre outros. Inclusive, muitas das imagens fazem parte do universo das religiosidades afro-brasileiras e do catolicismo (Erivaldo, s/ano, pag. 8).

As rezadeiras do seu enfoque são da cidade de Frei – Paulo - CE, em que dividem suas práticas num cenário de avanços técnicos e dos métodos sofisticados encontrados na medicina, que hoje se encontra para a população. E que sua percepção sobre os Santos prevalece.

Aqui podemos estabelecer um elo comparativo quanto à rezadeiras da cidade de Frei – Paulo - CE analisadas por Erivaldo e as rezadeiras e os rezadores de Santa Helena – PB abordado neste trabalho, todos estes cultuam a importância dos Santos, fazendo questão de mantê-los em imagens em suas residências e referenciá-los em festas e cerimônias a eles dedicadas. Situação que ao longo da pesquisa pude detectar quando visitava suas residências. Simões de Oliveira destaca em seu estudo o fato de ser uma prática presente ainda hoje, quando se encontra a disposição da população os avanços técnicos de uma medicina sofisticada. Este é o campo descrito.

O cenário mencionado pelo autor se assemelha ao que temos em Santa Helena-PB, quando verificamos uma assistência à saúde pública e alguns avanços técnicos em um meio social que mantém ainda o costume de ver a reza como uma prática curativa. E que Santos são protetores de algumas enfermidades.

Nas casas de rezadores e rezadeiras há presença de imagens de Santos, seja num oratório que fica no quarto, na sala, ou em qualquer outro lugar da casa, assim como

também imagens postas nas paredes, o que conjuga esta relação que tal Santo é benéfico para alguma enfermidade, trata-se de um catolicismo de cunho popular. Que faz parte do cotidiano de rezadeiras e dos rezadores e de certa forma nos rezados também.

Entendendo esse ambiente de cura, passemos ao campo das enfermidades por eles atendidas em Santa Helena PB. Algumas “doenças” fazem parte do cotidiano e vida social e são passíveis de serem curadas pelos rezadores e rezadoras que já conhecem os sintomas de cada enfermidade. Estas recebem nomeações por meio dos costumes populares, como atesta as rezadeiras, rezadores e a historiografia presente ao longo deste trabalho. A nomeação das enfermidades desde tempos passados é seguida pelas gerações.

Vejamos quais enfermidades que a rezadeira Dona Geralda Correa afirma rezar e algumas que diz não rezar:

Eu rezo pra diversos tipos de problemas que as pessoas esta sentindo, se você esta com dor de cabeça de sol ou de constipação. Quebranto, olhado, dor de dente, dor de garganta, espinhela caída, dor de torzidade, que é dor de jeito, você tose a mão, ou o pé, eu rezo também, não apreendi reza em cobreiro não, mordida de cobra também não, tem as orações mais eu não apreendi, eu nunca vi uma pessoa reza né, alguém que sabe (entrevista).

Na fala da rezadeira ela distingue dois tipos de dor de cabeça, uma de sol e outra de constipação. A primeira ao seu perceber é causada por excesso do sol e a segunda quando uma pessoa, criança, jovem, adulto, idoso esta dormindo se levanta instantaneamente recebendo vento frio. Por meio dessa ação recebe um resfriado que ocasiona consequentemente a dor de cabeça. Este vento, entrar em contato com o corpo desta pessoa que estava quente “dormindo” resultando em dor de cabeça a qual em sua maneira de entender com reza melhora. Ou seja, são dores de cabeça causados por fatores diferentes, logo, segunda a então rezadeira deve-se utilizar diferentes orações.

Ela afirma em seu ofício sabe rezar nas duas enfermidades e que quando ela vai rezar pergunta logo, como começou esta dor de cabeça? Ela faz primeiro uma analise para só depois rezar as suas orações. Assim vai se constituindo o ofício desta rezadeira cujo cotidiano dela é composto por esse tipo de situação. Cita em seu depoimento várias outras enfermidades que costuma rezar. Cada enfermidade possui causas e sintomas diferentes.

Em seu cotidiano as rezadeiras desenvolvem a habilidade de saber distinguir as enfermidades e o qual oração usar para combater esta ou aquela doença. Orações estas, que como vimos anteriormente estão relacionadas há algum Santo protetor, além disso, usa-se orações tradicionais da religião cristã, como o Pai Nosso e Avemaria. Portanto, embora seja com a intenção de curar por meio da fé uma única enfermidade, no ofício esses personagens recorrem a mais de uma oração.

A rezadeira também afirma que não reza em “Cobreiro” e em mordida de cobra porque nos tempos que estava ingressando no ofício, aprendendo a rezar, não ouviu ninguém rezando pra estes males, não teve como apreender com um rezador ou rezadeira.

Quanto à afinidade existente entre Santo e enfermidade a rezadeira Geralda Correa defende:

Nossas senhora das cabeças que eu mim apego muito com ela, porque ela é protetora das cabeças. Santa Apolônia protetora dos dentes, Santa Luzia dos olhos, nossa senhora das Graças, derrama as graças na gente, São Sebastião protetor dos enfermos também, tenho muita fé nele também, eu rezo, ele protege agente, tem diversos tipos, São José, protetor do trabalhador. De todos esses Santos eu tenho a novena copiada, de Santa Luzia, Nossa senhora do Perpetuo Socorro, ela é pra socorrer nas causas difíceis, impossíveis, a gente pede e ela socorre, tenho muita fé nas imagens que agente tem (entrevista).

De acordo com o depoimento, a rezadeira crer que os Santos são protetores de algumas causas e enfermidades, como Nossa Senhora do Perpetuo Socorro encarregada de socorrer nas causas difíceis e Santa Luzia encarregada de proteger os olhos, por isso que são Santos de sua veneração.

Conhecedores das histórias de vida dos Santos, os toma protetores de determinadas causas e enfermos como vimos anteriormente, porque as rezadeiras e os rezadores relacionam acontecimentos da vida desses. Esses acontecimentos, martírios, são interpretados no ofício desenvolvido por esses personagens (1950 a 2013).

A rezadeira Terezinha Quaresma reza para curar enfermidades específicas, analisamos:

Bem, é porque tem rezador que reza pra muitas rezas, dor de cabeça, dor de garganta, pra tudo que é coisa, eu, estas rezas eu não apreendi não, eu rezo

só de olhado e vento caído, só de criança pequena, porque eu acho que outra oraçõzinha que reza, mas eu não apreendi não. (entrevista)

O relato da rezadeira informa sobre sua prática alegando que a mesma só se dispõe a rezar em duas enfermidades: olhado e Ventre caído, no entanto, afirma à existência de outras orações destinadas a cura de outras enfermidades, mas que a mesma não aprendeu. Além disso, reza somente em crianças. Em sua fala durante a entrevista não informou porque reza somente em crianças.

Sobre o “olhado” Rodrigues Theotonio ressalta:

Há uma particularidade que envolve o mau olhado e o quebranto, algumas rezadeiras identificam como sendo uma só doença causada pelo “olho maléfico, invejoso” de outro sobre a pessoa que passa, a partir daí, a apresentar sinais de desânimo, falta de apetite, vontade de se isolar dos parentes e amigos, aparência cansada, fatigada. Outras fazem uma diferença afirmando ser o olhado uma coisa, a ação de outra pessoa que impõe, deseja o mal através do olhar e definem o quebrante como sendo uma angústia, um desengano que afeta a pessoa sem a participação direta de outra (Rodrigues, 2010, pag. 45 e 46).

Através dessa fala verifica-se que algumas rezadeiras compreendem o olhado e o quebrante como sendo uma mesma doença cujos sintomas são semelhantes como o desânimo, a falta de apetite, a vontade de se isolar dos parentes e amigos, a aparência cansada e a fadiga.

De acordo com Rodrigues (2010) quanto ao que causa a doença temos duas explicações dependendo da rezadeira, a primeira seria um olhar má de uma pessoa sobre outra, aquele olhar invejoso, e a segunda seria causado por o próprio indivíduo, uma angústia, um desengano, seus próprios aflições.

A rezadeira Terezinha Quaresma compreende que olhado e quebranto são uma mesma doença. Esta sua opinião se baseia em seu cotidiano constituído por visita de mães que trazem filhos para ela rezar e apresentam os sintomas mencionados. Os rezadores Vicente Duarte e outros que rezam somente de crianças como Terezinha Quaresma e apenas nos enfermos de olhado e quebranto.

Em entrevista o rezador Raimundo do Carmo afirma:

Eu sei de várias orações para diferentes enfermidades, eu rezo pra cobreiro, quebrante, ventre caído, espinhela caída, olhado, dor de cabeça, íngua, nervo triado, bicheira em um animal, rezo no rasto dele e ele melhora, eu só

não sei reza pra mordida de Cobra, olha aqui na minha casa vem muita gente (entrevista)

No depoimento o rezador cita uma série de doenças que ele reza, afirma também que só não reza em mordida de cobra. Assim afirma ser sua casa bastante frequentada pelos seus adeptos que o procuram para rezar nessas doenças. Faz parte de sua lista de rezas uma especialmente destinada à cura dos animais com bicheira. Diferencia-se dos rezadores e rezadeiras entrevistados na pesquisa por ser o único que pratica a cura nos animais, mesmo quando dos mesmos só tem os rastos: “rezo no rasto e ele melhora”.

Não cabe aqui analisamos essas enfermidades¹² de forma mais aprofundada, mas ver estas enfermidades como fator que faz permanecer a atuação desses homens e mulheres rezadores, de Santa Helena-PB como personagens sujeitos históricos de costumes e de tradições populares passados de geração em geração. Uma prática que tempos anteriores era comum, ainda prevalece no tempo e espaço (1950 a 2013) de mudanças tecnológicas, de saúde “sofisticada”, de meios de comunicação avançados como o rádio, televisão, internet.

Ou seja, a cultura dos Santa-helenenses faz permanecer o ofício desses personagens. A oralidade continua sendo o mecanismo de propagação e continuidade do ofício e da prática popular.

¹² Ver Rodrigues, 2010, páginas; 58 a 61, expõe doenças e sintomas citados por as rezadeiras e por as pessoas que se rezam, e as características da reza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse estudo nossa preocupação se fundamentou na busca pela identidade de homens e mulheres que em Santa Helena PB, ainda nos tempos atuais são conhecidos por suas práticas de curas através de orações. São os chamados rezadores e rezadeiras.

Trabalhando sob a perspectiva da história oral nos deparamos com depoimentos e relatos desses personagens, rezadeiras e rezadores sobre suas práticas de cura através das rezas assim como sobre as enfermidades por eles atendidas.

É importantes ressaltar que o ofício de rezar faz parte do patrimônio cultural herdado dos seus antepassados, foram as convivências e experiências de tempos remotos que conseqüentemente possibilitaram a atuação desses personagens até hoje.

Com parte da cultura dos Santa-helenenses, esse ofício se insere na tradição religiosa e crença que a literatura denomina como catolicismo popular. Para essa compreensão dialogamos com os estudos de Carla Rodrigues Theotônio, Nunes Araújo, Vitor dos Santos, Ramos de Andrade.

Esses personagens com suas práticas representam uma manifestação religiosa. Praticam as curas através das rezas condicionadas às suas crenças herdadas das gerações passadas. São orações e rezas que misturam elementos de crenças católicas e crenças pagãs de outras culturas religiosas.

Constatamos no primeiro capítulo que na historiografia esse ofício se apresenta como prática de manifestação religiosa de cunho popular. Nos momentos de cura alguns elementos são tidos como sagrado, como por exemplo, as rezas e ramos utilizados.

Percebemos ao longo do estudo que a noção de sagrado é formada por a articulação da visão de mundo das pessoas que buscam a prática e das próprias rezadeiras e rezadores

Nessa perspectiva, percebemos que elementos da religião cristã são presentes, como por exemplo, as imagens e orações de Santos Católicos, por esta razão as suas

práticas são vista segundo historiadora Solange Ramos de Andrade como sendo autênticas, defendem a fé cristã, embora pratiquem um catolicismo de cunho popular.

Percebemos também que a atuação dessas mulheres e homens rezadores em Santa Helena-PB, acontece em paralelo e em um ambiente no qual está presente o atendimento médico. As pessoas que buscam esses “curandeiros” também buscam os médicos, como relatou o senhor Antônio Quaresma de Mendonça; foi a uma rezadeira e a um médico buscando a cura de um enfermo.

No segundo Capítulo, acompanhando a literatura existente e com foco na perspectiva de Vitoriano (2010), apresentamos um breve resumo da formação social do povoamento da região que atualmente localiza a cidade de Santa Helena. Segundo Vitoriano (2010) os primeiros indícios de povoação apontam que foi possível a partir de uma Sesmaria adquirida por Luis Quaresma Dourado, aonde ele desenvolveu uma fazenda de criação de gado.

Escritos indicam a formação de um povoado cujos fundadores, de acordo com Ramalho (2013), teriam sido Raimundo Luis, Joaquim Alves de Oliveira e Gonçalo Vitoriano. Ideia também compartilhada por Vitoriano (2010). Outros dados sobre o cotidiano e vida social no município, seus costumes e sua cultura foram aqui lembrados a partir das informações e das abordagens de Vitoriano e Ramalho. Consideramos também os relatos sobre alguns costumes dos Santa-helenenses, segundo o depoimento do senhor Vicente Quaresma Duarte sobre a banda musical dos Marias que conduziam os momentos festivos da cidade, como, por exemplo, as festas dos padroeiros. Evento esses bastante significativos da cultura religiosa da gente de Santa Helena.

No terceiro e último capítulo, nos debruçamos sobre os depoimentos de homens e mulheres rezadores sobre esse ofício de cura através da reza, fazendo uma apresentação desses personagens e das enfermidades por eles atendidas. Estes disseram ser capazes de possibilitar a cura através da reza em enfermidades denominadas: quebranto, cobreiro, ventre caído, espinhela caída, dor de cabeça, bicheira em animal dentre outras. Como dizem, essas nomeações das enfermidades são repassadas oralmente desde gerações passadas.

Além disso, detectamos também que os saberes desses homens e mulheres repousam também no manejo de ervas, como capim santo, hortelã, malva do reino etc. Essas ervas que fazem parte do ritual de cura são cultivadas nas suas moradas.

Seus relatos nos contam de habilidades para com o manuseio dessas ervas quando do preparo das populares “garrafadas” e; ou “raizadas”; as substâncias utilizadas e as indicações desses “remédios caseiros”, para “gripe” que eles garantem serem de bom efeito. Contam-nos, portanto, de saberes populares, de uma cultura com base no que chamamos catolicismo popular, cujas raízes remontam a uma tradição que ainda hoje se mantém na cidade de Santa Helena-PB nas práticas desenvolvidas por esses personagens, rezadeiras e rezadores.

Por fim, pensamos que esse trabalho se constitui mais uma contribuição para a história e historiografia do Município de Santa Helena PB. Contribuição nova, pois não havia escritos que narrassem a atuação dessas rezadeiras e rezadores. Colabora ainda esse estudo para conhecermos as tradições e cultura do povo paraibano, seus valores e seus costumes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHALHOUB, Sidney. **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

ALARCON, Agra do O. **Relatos de Males: Notas acerca dos modos de adoecer na Paraíba Imperial**. In. Paraíba - História. -2 ed. João Pessoa: Ideia, 2005.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas**. 6. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1980.

SOUSA, Silvana Vieira de. **Cultura de falas e de gestos: História de memórias**. 1997. [S.N], Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: 1997

NUNES, Pedrina Araújo. **SENHORAS DA FÉ: História de vidas das rezadeiras do norte do Piauí [1950-2010]**. 2011. 162 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Piauí. Teresina - Piauí, 2011.

CARLA, Andrea Rodrigues Theotonio. **Entre Ramos de Poder: Rezadeiras e Práticas mágicas na zona rural de área-PB**. 2010. 124 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande - PB. 2010.

SANTOS, FrancimárioVito dos. **O ofício das rezadeiras: Um estudo Antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças entre as rezadeiras de Cruzeta/RN**. 2007. 196 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal/RN. 2007.

VITORIANO, Sara de Sousa. **Educação Ambiental e Prática Pedagógica: Uma reflexão crítica da cidade de Santa Helena – PB (BR)**. 2010. 172 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, 2010.

RAMALHO, Raiza Diniz Quirino. **O fantasma de um Cangaceiro e o assassinato de um herói: Santa Helena em 1927 nas falas do “rei do cordel”**. 2013. 68 f. Monografia (Licenciatura em História). Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras – PB, 2013.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: Memória, tempo, identidades**. Ed. 2. Universidade do Texas. Editora Autêntica. 2006.

ARTIGOS:

WITTER, Nikelen Acosta. **Curar como Arte e Ofício: contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura.** Departamento de História da universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói – RN. P. [S.N], Publicado em abril de 2005. Disponível em: <<http://secretaria.tempo@historia.uff.br>> Acesso em: 28 de outubro de 2011.

ANDRADE, Solange Ramos de. **O catolicismo popular no Brasil: Notas sobre o campo de estudos.** Revista Espaço Acadêmica – n. 67 – Dezembro/2006. P. [S.N], Publicado em 2006. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br>> Acesso em: 13 de março de 2013.

DILLMANN, Mauro. **Religiosidade popular católica no Brasil durante a vigência do Padroado.** Revista Espaço Acadêmica - Nº 138. P. 1 a 10. Publicado em novembro de 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php>> Acesso em: 08 de agosto de 2013.

OLIVEIRA, Érica Caldas Silva de; JÚNIOR; Everaldo Oliveira Costa. **Saúde e doença: Recursos utilizados em rituais de cura no Estado da Paraíba.** Biofar Revista de Biologia e Farmácia. Volume 06. Número 01. P. 1 a 9. 2011. Disponível em: <<http://sites.uepb.edu.br/biofar/download/v6n>> Acesso em: 01 de Julho de 2014.

ARAÚJO, Fabiano Lucena de. **Representações de Doença e Cura no Contexto da Prática Popular da Medicina: Estudo de caso sobre uma benzedeira.** Caos – Revista Eletrônica de Ciências Sociais. n. 18. P. 81 a 97. Publicado em setembro de 2011. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/n18/9>> Acesso em: 08 de janeiro de 2014.

OLIVEIRA, José Erivaldo Simões de. **Rezadeiras de Frei Paulo: Os ramos e a fé a serviço da cura.** Universidade Federal de Sergipe. P. 1 a 14. Publicado em: Outubro de 2013. Disponível em: <<http://www.gerts.com.br/seciri>> Acesso em: 15 junho de 2014.

SANTOS, Francimário Vito dos. **O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: Religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar.** Universidade de São Paulo. n. 8. P. 1 a 30. Publicado em: 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15647/17221>> Acesso em: 04 de novembro de 2011.

APÊNDICE

Roteiro das entrevistas

Realizado por: **Mauricio Parnaíba Duarte**

Nome do entrevistado:

Idade:

Naturalidade:

Profissão:

PERGUNTAS PARA AS REZADEIRAS E REZADORES:

Como e quando se tornou uma rezadeira?

O que é ser uma rezadeira ou um rezador?

Por que se tornou uma rezadeira?

Quais as rezas utilizadas?

Para que as rezas são utilizadas?

Quem são as pessoas que procuram suas rezas?

REZADEIRAS E REZADORES DA PESQUISA:

Geralda Correa Duarte

Raimundo do Carmo

Terezinha Quaresma Duarte

Helena Maria Quaresma Ferreira

Damião Correa Campos

Vicente Duarte Quaresma

ENTREVISTADOS QUE BUSCAM AS REZADEIRAS:

Antônio Quaresma de Mendonça

Jocélia Quaresma Bispo

PERGUNTAS PARA OS QUE BUSCAM AS REZADEIRAS (OR):

Nome do entrevistado:

Idade:

Naturalidade:

Profissão:

Desde quando tem conhecimento das rezadeiras e dos rezadores?

Para você o que é ser uma rezadeira ou rezador?

Quais motivos leva você a buscar?

Qual a frequência que recorre?

ANEXOS

**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA O DISCENTE
MAURICIO PARNAIBA DUARTE**

1. Pelo presente documento, Terezinha Quaresma Duarte, brasileira, casada, agricultora, carteira de identidade nº 1966740, emitida por SSP/PB, CPF nº 04903702413, residente e domiciliado no Sítio Malhada Bonita, Santa Helena - Paraíba, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo o discente Mauricio Parnaiba Duarte a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia 15/05/2014, perante o pesquisador Mauricio Parnaiba Duarte.
2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.
3. Fica pois Mauricio Parnaiba Duarte plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Cajazeiras – Paraíba, 15 de maio de 2014

Terezinha Quaresma Duarte Mauricio Parnaiba Duarte
(Nome do Cedente) (Nome do Pesquisador)

**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA O DISCENTE
MAURICIO PARNAIBA DUARTE**

1. Pelo presente documento, Geralda Correa Duarte, brasileira, casada, agricultora, carteira de identidade nº 1966723, emitida por SSP/PB, CPF nº 67428851491, residente e domiciliado no Sítio Malhada Bonita, Santa Helena – Paraíba, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo o discente Mauricio Parnaiba Duarte a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia 09/06/2014, perante o pesquisador Mauricio Parnaiba Duarte.

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

3. Fica pois Mauricio Parnaiba Duarte plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Cajazeiras – Paraíba, 09 de junho de 2014

Geralda Correa Duarte *Mauricio Parnaiba Duarte*
(Nome do Cedente) (Nome do Pesquisador)

**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA O DISCENTE
MAURICIO PARNAIBA DUARTE**

10. Pelo presente documento, Vicente Duarte Quaresma, brasileiro, casado, agricultor, carteira de identidade nº 02024014488, emitida por SSP/PB, CPF nº 1346319, residente e domiciliado na rua Joana Ferreira de Sousa, Santa Helena - Paraíba, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo o discente Mauricio Parnaiba Duarte a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia 08/04/2014, perante o pesquisador Mauricio Parnaiba Duarte.

11. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

12. Fica pois Mauricio Parnaiba Duarte plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Cajazeiras – Paraíba, 08 de abril de 2014

Vicente Duarte Quaresma
(Nome do Cedente)

Mauricio Parnaiba Duarte
(Nome do Pesquisador)

**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA O DISCENTE
MAURICIO PARNAIBA DUARTE**

7. Pelo presente documento, *Josélia Quaresma Bispo*, brasileira, casada, agricultora, carteira de identidade nº 2002098091651, emitida por SSP/CE, CPF nº 07885027430, residente e domiciliado no Sítio Malhada Bonita, Santa Helena - Paraíba, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo o discente *Maurício Parnaíba Duarte* a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia 08/04/2014, perante o pesquisador *Maurício Parnaíba Duarte*.
8. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.
9. Fica pois *Maurício Parnaíba Duarte* plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Cajazeiras – Paraíba, 08 de abril de 2014

Josélia Quaresma Bispo
(Nome do Cedente)

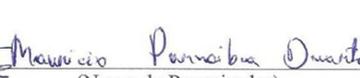
Maurício Parnaíba Duarte
(Nome do Pesquisador)

**CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA O DISCENTE
MAURICIO PARNAIBA DUARTE**

13. Pelo presente documento, Vicente Quaresma Duarte, brasileiro, casado, agricultor, carteira de identidade nº 1966799, emitida por SSP/PB, CPF nº 32256060306, residente e domiciliado no Sítio Malhada Bonita, Santa Helena - Paraíba, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo o discente Mauricio Parnaiba Duarte a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia 21/03/2014, perante o pesquisador Mauricio Parnaiba Duarte.
14. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.
15. Fica pois Mauricio Parnaiba Duarte plenamente autorizado a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Cajazeiras – Paraíba, 21 de março de 2014


(Nome do Cedente) 
(Nome do Pesquisador)

